

ESCRITORAS BRASILEIRAS E ALEMÃS CONTEMPORÂNEAS EM DIÁLOGO

Rosvitha Friesen Blume (UFSC)

Nesta comunicação pretendo apresentar resultados parciais de uma pesquisa que venho coordenando e realizando juntamente com três alunas alemãs (da Universidade de Leipzig) e três brasileiras (da UFPR e da UFSC). Com base numa política de tradução que objetiva dar visibilidade à produção literária contemporânea de mulheres destes dois países, estamos selecionando e traduzindo alguns contos do português e do alemão, com o intuito de publicar antologias nos respectivos países, de modo a estabelecer um diálogo entre estas novas escrituras.

O maior volume de trabalho deste projeto concentra-se na tradução dos textos literários em questão. E por isso gostaria de referir-me, num primeiro ponto de minha fala, ao aporte teórico que sustenta este trabalho de tradução. Num segundo momento pretendo comentar alguns resultados já alcançados com o nosso trabalho.

Conforme já indiquei, nosso projeto de tradução representa um gesto político, no sentido de dar maior visibilidade a obras de mulheres contemporâneas, que ainda encontram certa dificuldade em tornar seus textos conhecidos dentro, e mais ainda, fora dos limites de seus países, a despeito de todas as transformações ocorridas na sociedade ocidental nos últimos cinquenta anos com relação à posição da mulher.

Essa motivação política de divulgação de obras literárias de mulheres via tradução é exatamente uma das questões propostas por teóricas feministas e de gênero no campo dos Estudos da Tradução. Há, atualmente, dois grandes centros que discutem as intersecções entre Estudos de Gênero/Feministas e Estudos da Tradução: o primeiro e mais importante situa-se no Quebec, Canadá (Universidade Concórdia, Montreal e School of Translation and Interpretation University of Ottawa) e o outro em Graz, Áustria (Institut für Translationswissenschaft Universität Graz). Um dos aspectos enfocados por parte desses grupos de pesquisa tem sido resgatar a tradição feminina na história da tradução; nos séculos anteriores a tradução era a única via de acesso de mulheres ao mundo literário, já que esta atividade era considerada menor, quando comparada ao ato autoral, criativo, atribuído essencialmente aos homens. Então, há hoje uma tentativa de resgate desse trabalho realizado massivamente por mulheres, no sentido de mostrar a importância que teve o mesmo para a vida literária/cultural da época nos diferentes países. Outro aspecto focado por teóricas feministas no âmbito dos Estudos da Tradução é o da crítica da tradução de textos de feministas do século XIX e XX; o que se tem percebido é que muitos desses textos, ao serem traduzidos para outras línguas por pessoas não sensíveis às questões feministas, têm sofrido, no próprio processo tradutório, um enfraquecimento em termos de seu potencial crítico e inovador. Uma terceira questão que preocupa teóricas feministas no campo dos Estudos da Tradução é o de observar a influência de aspectos de gênero na constituição do sujeito visível da tradução, e sua influência no processo tradutório. Também questões de política da tradução têm sido estudadas por estes grupos de pesquisa, no sentido de levantar as influências de aspectos de gênero na escolha dos textos a serem divulgados via tradução. É nesse âmbito que se encontra o nosso projeto. Temos observado que a literatura que cruza as fronteiras Brasil/Alemanha é, em sua esmagadora maioria, de autoria masculina. No Brasil se conhece, talvez, dois ou três nomes de escritoras

alemãs, não só contemporâneas, mas em geral. E na Alemanha provavelmente não se conheça nenhuma brasileira, salvo talvez Clarice Lispector, por influência da recepção francesa desta autora. Nosso intento é mostrar, nos dois países, essa rica produção literária de mulheres contemporâneas.

Dentro do campo dos Estudos da Tradução, existe uma vertente que parte de teorias pós-estruturalistas e da desconstrução em particular, defendida pela teórica Rosemary Arrojo. Esta linha teórica tem procurado ‘desconstruir’ uma visão de tradução baseada no logocentrismo do pensamento ocidental, que se baseia na premissa de significados fixos e estáveis contidos nos textos e que deveriam ser fielmente transportados para a outra língua no ato tradutório. Para Arrojo “traduzir ... implica ..., em primeiro lugar, reconhecer seu papel essencialmente ativo de produtor de significados e de representante e intérprete do autor e dos textos que traduz”.ⁱ Também para o teórico Lawrence Venuti traduzir é transformar o original; o tradutor imporá a sua leitura, criando uma outra rede de significados, compreendendo-se significado como um construto determinado política e socialmente. Por isso Venuti defende que a tradução deve ter as marcas da historicidade do tradutor e marcas ou traços estrangeiros.ⁱⁱ

Os teóricos supracitados evidenciam o caráter criativo inerente à tradução literária, o que temos experimentado na prática tradutória em nosso projeto. Longe de nos considerarmos uma espécie de canal neutro de transposição de textos de uma língua para outra, assumimos a posição de sujeitos visíveis das traduções que traremos a público, como leitoras/tradutoras que dialogam com os textos de partida, transformando-os a partir de nossa própria vivência.

Os critérios de escolha dos contos que estabelecemos, são que, primeiramente, a autora deve ter começado a publicar somente a partir dos anos 90, pois queremos divulgar o que há de mais novo nas duas literaturas. Em segundo lugar interessam-nos contos que contenham marcas culturais específicas dos respectivos países. Em terceiro lugar procuramos privilegiar os contos que tenham como protagonistas mulheres no mundo contemporâneo.

Os resultados alcançados até o momento são os seguintes:

O projeto da antologia de contos brasileiros traduzidos para o alemão encontra-se bastante avançado. Até o momento há nove contos selecionados, oito deles já traduzidos, dos quais sete foram exaustivamente revisados e estão prontos para publicação. São eles:

- 1) *Ficção*, da escritora paulistana Beatriz Bracher,
- 2) *Eucaristia*, de Andréa del Fuego, mineira radicada em São Paulo,
- 3) *Mãe, o cacete*, da paulista Ivana Arruda Leite,
- 4) *Minha Flor*, da carioca Lívia Garcia-Roza,
- 5) *O homem da casa*, da paulista Jeanette Rozsas,
- 6) *Cântico da Subida*, de Maria Valéria Rezende, de Santos, radicada em João Pessoa,
- 7) *Duzu Querença*, de Conceição Evaristo, de Belo Horizonte, radicada no Rio,
- 8) *O morro da chuva e da bruma*, da gaúcha Letícia Wierszkowsky, (aguardando revisão de tradução)
- 9) *Entrevista ao vivo*, da paranaense Luci Collin Lavallo (aguardando tradução).

Aceitamos sugestões de mais dois ou três contos de outras escritoras que eventualmente alguém de meus ouvintes conheça.

Já o projeto da antologia de contos alemães traduzidos para o português ainda se encontra bem mais incipiente; as alunas estão trabalhando na leitura e seleção de autoras e contos que representem, de alguma maneira, um pouco do universo feminino contemporâneo alemão. Há um conto já traduzido e revisado da escritora Judith Hermann, outro, em processo de revisão da escritora Julia Frank e outro em processo de tradução, da escritora Sibylle Berg. Além disso, há um conto escolhido da escritora Silke Scheuermann.

Um desafio que ainda temos pela frente é encontrar editoras nos dois países, dispostas a publicarem as antologias. Tomara que encontremos editores/as sensíveis!

Outro resultado parcial deste projeto é que estou orientando um trabalho de conclusão de curso que tem como tema uma comparação entre a escritura erótica de Andréa del Fuego e Julia Frank, a partir dos contos *Eucaristia* e *Mir nichts, dir nichts* (*Sem mais, nem menos*). Outros trabalhos desta natureza deverão ser iniciados a seguir, inclusive uma dissertação de mestrado, tendo já iniciado, assim, o diálogo entre estas duas escrituras, conforme propõe nosso projeto.

Com relação ao projeto da antologia de contos brasileiros, estamos redigindo, também, um artigo a ser publicado no Brasil e na Alemanha, que trata das dificuldades específicas encontradas nestas traduções, com relação às diferenças culturais entre os dois países em questão.

Como exemplos de barreiras de compreensão de natureza cultural, posso citar a concepção da figura materna, que diverge muito nos dois países. O conto *Mãe, o cacete* de Ivana Arruda Leite, muito provavelmente terá uma recepção muito diferente por parte de leitores alemães do que aqui no Brasil, onde o conto tem um tom bastante provocador e irreverente, até mesmo agressivo. Na Alemanha, provavelmente perderá muito de sua força satírica, já que a postura em relação à figura materna e a relação mãe/filhos é muito diferente do que no Brasil.

Outro aspecto cultural é o da violência urbana, representado no conto de Beatriz Bracher, *Ficção*. O clímax do conto é a expressão “Hoje é dia de rodízio. Eu não estou no blindado”. É uma frase incompreensível e intraduzível para o alemão, já que não existe lá o sistema paulistano de rodízio para combater a poluição e o caos no trânsito, e, principalmente, porque mulheres de classe média alta não precisam andar em carros blindados.

O erotismo ligado a elementos de religiosidade do conto *Eucaristia* de Andréa del Fuego, também deverá causar estranhamento e uma certa incompreensão na cultura alemã, já que a sociedade alemã contemporânea é, de um modo geral, mais secularizada que a brasileira. Em seu conto Andréa del Fuego emprega elementos do sincretismo religioso tipicamente brasileiro, o que o torna muito diferente de um conto erótico alemão.

O machismo exacerbado que enfrenta a personagem da periferia carioca no conto *Minha Flor*, de Livia Garcia Roza, também é muito próprio da cultura brasileira. Um desafio na tradução representaram expressões de xingamento próprias do vocabulário machista.

No conto *O homem da casa*, de Jeanette Roszas, cuja personagem na verdade é uma mulher, o que o leitor só descobre ao final do conto, o emprego de expressões

chulas típicas do vocabulário masculino ajudam a reforçar tal engano. Segundo a tradutora alemã, as palavras de xingamento no alemão não possuem uma diferenciação de gênero, como ainda é o caso, ao menos em parte, aqui no Brasil.

As imagens religiosas do conto alegórico *Cântico da Subida* causaram muita estranheza à tradutora e precisei explicar a ela a ligação de alguns setores da igreja católica brasileira com movimentos sociais. O Cristo representado por um menino pichador num morro nos arredores de um grande centro urbano é uma imagem estranha para a cultura alemã.

O conto *Duzu Querença* de Conceição Evaristo trata, com muita sensibilidade, da história de uma menina afro-brasileira que foge da pobreza no interior do Brasil para a cidade grande, onde, o que lhe aguarda, é o meretrício, e no final da vida, a mendicância. Também um pano de fundo cultural muito distante dos leitores alemães, certamente.

Já no projeto dos contos alemães a serem traduzidos para o português, talvez um dos grandes fatores de diferença cultural seja um certo tom pós-romântico que é característico da literatura contemporânea alemã como um todo. Apesar do clima de globalização em que vivemos, e que evidentemente traz à tona elementos comuns entre a cultura jovem alemã e a brasileira, existem também diferenças marcantes. E uma dessas, percebida pelas leitoras/tradutoras brasileiras, é a frieza com que são tratadas questões ligadas aos relacionamentos amorosos, ou melhor, nada amorosos. Esta característica certamente será pesquisada em breve por uma das pesquisadoras, contrastivamente com a contística brasileira.

A pergunta que se coloca, é, como temos tratado dessas questões nas traduções. Consideramos que o público leitor alemão e brasileiro que se propõe a ler uma antologia de contos de um outro país, tenha interesse nesta outra cultura e disponha de uma atitude receptiva/ de abertura em relação a elementos para ele ‘estranhos’. Por isso não queremos ‘naturalizar’ os textos, e sim, manter sua ‘estranheza’ cultural, mesmo correndo o risco de colocar leitores/as diante de situações de não-compreensão, ou também, de simplesmente não ‘perceberem’ certos elementos contidos no texto de partida. Esta percepção parcial é comum no encontro entre culturas, bem como nas relações humanas em geral, até quando se trata de pessoas de um mesmo país, de uma mesma região ou localidade. Mas o importante para nós é que se ofereça ao nosso público leitor a oportunidade de um encontro com a outra cultura.

Enquanto coordenadora do projeto e revisora das traduções, tenho ocupado a posição de uma espécie de mediadora cultural, em constante diálogo com as alunas/pesquisadoras alemãs e brasileiras, no sentido de auxiliar na leitura dos textos e na construção de seus possíveis sentidos a partir do pano de fundo cultural de cada um. Especialmente com as alunas alemãs, cujo projeto se encontra em estágio mais avançado, tem ocorrido um diálogo muito frutífero no sentido de procurarmos encontrar o tom adequado para os textos, levando em conta os valores e o conhecimento presumível dos leitores daquela cultura.

Aspectos que temos levado em conta nesse sentido são, por exemplo, a questão do registro lingüístico: quem são os personagens que falam, que grupo social eles representam de alguma forma, que região do país, que interesses políticos, sociais, culturais eles defendem, etc. O discurso do machista do morro carioca não pode ser traduzido para o alemão num registro lingüístico que seria comum a qualquer cidadão

da Alemanha, indiferentemente de sexo, classe social, profissão, idade, etc. Precisa haver a opção por e a execução coerente de um registro específico de um trabalhador comum, de pouca instrução. Já a fala da personagem *O homem da casa*, deve ser traduzida com outro registro, a saber, a de um executivo, e com marcas de gênero muito claras, que são diferentes nos dois países. Encontrar elementos lingüísticos compreensíveis para os leitores alemães, sem apagar totalmente a ‘brasildade’ cultural do texto foi muito trabalhoso para a tradutora alemã.

Duzu Querença deve manter as expressões de origem africana, para caracterizar a personagem dentro de seu contexto cultural específico. Também foram tratadas com especial atenção nesse texto certas expressões que se configuram numa verdadeira prosa poética. Esse aspecto não foi identificado de imediato pela tradutora, porém é fundamental para reproduzir o olhar sensível e solidário lançado pela instância narradora sobre a personagem central, olhar esse que se constrói exatamente a partir dessa linguagem poética. Sem esse cuidado o texto teria adquirido um tom meio piegas, sentimental na tradução, que o desvalorizaria na cultura de chegada.

Estes seriam, portanto, alguns resultados provisórios do nosso projeto. O que a experiência tem mostrado até agora é que traduzir é envolver-se num intenso diálogo entre culturas, de onde saem transformados não somente os textos de partida, mas os próprios tradutores e, possivelmente, os futuros leitores.

ⁱ Arrojo cit.por Bohunowsky, Ruth. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua fidelidade: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. IN: Cadernos de Tradução n.VIII, NUT, UFSC, p.59.

ⁱⁱ Venuti, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Bauru, SP: Edusc, 2002.